

Isaac Babel

O Exército de Cavalaria

Tradução e apresentação

Aurora Fornoni Bernardini

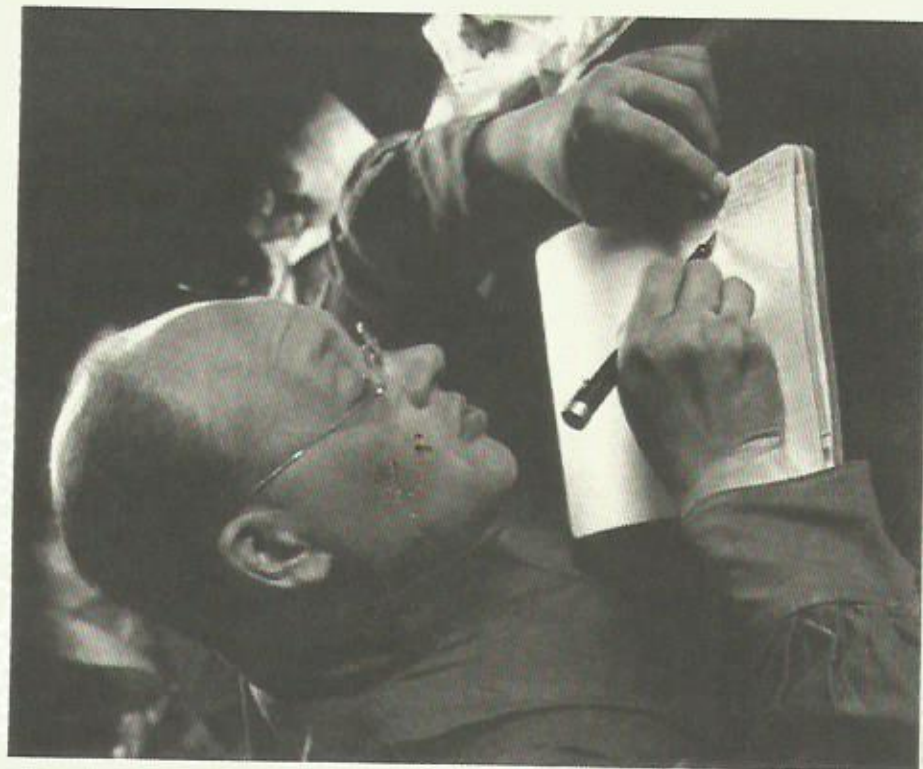
Homero Freitas de Andrade

Posfácio

Boris Schnaiderman

Otto Maria Carpeaux

COSACNAIFY



A travessia do Zbrutch

O *condit* 6* relatou que Novograd-Volynsk tinha sido tomada hoje, ao amanhecer. O Estado-Maior saiu de Krapivno, e nosso comboio, uma barulhenta retaguarda, espalhou-se pela estrada de pedra que vai de Brest a Varsóvia, construída sobre os ossos dos camponeses por Nicolau I.

Campos de papoulas púrpura florescem à nossa volta, o vento do meio-dia brinca por entre o centeio amarelado, e o virginal trigo sarraceno ergue-se no horizonte como a muralha de um mosteiro longínquo. O plácido Volýnia serpenteia. O Volýnia afasta-se de nós na bruma perolada das moitas de bétulas, infiltra-se através das colinas floridas e, com seus braços cansados, enreda-se nas touceiras de lúpulo. Um sol alaranjado rola pelo céu como uma cabeça decepada, uma luz suave acende-se nos desfiladeiros das nuvens, e os estandartes do poente ondulam sobre nossa cabeça. O cheiro do sangue de ontem e dos cavalos mortos pinga no frescor da tarde. O Zbrutch negrejante rumoreja e retorce os espumosos emaranhados de suas cascatas. As pontes foram des-

* Para informações referentes a vultos e fatos históricos e culturais citados, siglas e abreviações soviéticas, hipocorísticos de nomes próprios e termos russos, judaicos, poloneses e ucranianos, ver glossário, à p. 243. [N. E.]

truídas, e nós atravessamos a vau. Uma lua majestosa paira sobre as ondas. Os cavalos afundam na água até o dorso, e sonoras torrentes borbotam entre as centenas de patas equínas. Alguém afunda e pragueja em voz alta contra a Virgem. Os quadrados negros das carroças espalham-se pelo rio, que se enche de ruído, assobios e canções que tropejam por cima do serpentear da lua e dos turbilhões brilhantes.

Tarde da noite entramos em Novograd. No alojamento que me foi designado, encontro uma mulher grávida e dois judeus ruivos, de pescoço fino; um terceiro dorme encostado à parede, com a cabeça coberta. No quarto que me foi designado, encontro armários revirados, restos de pelicas de mulher pelo chão, excrementos humanos e cacos daquele recipiente secreto que nas casas dos judeus se usa uma vez por ano, na Páscoa.

— Limpe isto aqui — digo à mulher. — Em que sujeira você vive, dona...

Dois judeus se levantam. Saltitam nas solas de feltro e juntam os cacos no chão. Dão esses pulinhos em silêncio, feito macacos ou japoneses de circo, e fazem girar seus pescoços inchados. Estendem no chão um enxergão de penas rasgado, e eu me deito junto à parede, ao lado do terceiro judeu, que já está adormecido. Uma miséria sórdida cala sobre o meu leito.

Tudo foi morto pelo silêncio. Apenas a lua, agarrando com as mãos azuis a cabeça redonda, esplendorosa e indolente, vagueia lá fora.

Espreguico as pernas entorpecidas, estico-me no enxergão rasgado e adormeço. Sonho com o *comdiv* 6. Num ganhão pesado, ele persegue o *combrig* e crava duas balas entre os olhos dele. As balas perfuram a cabeça do comandante e os olhos caem no chão. “Por que mandou a brigada voltar?”, grita Savitski, o *comdiv* 6, ao

ferido — e então eu acordo, pois a mulher grávida está apalpando o meu rosto com os dedos.

— *Pam* — ela me diz —, o senhor está gritando, está muito agitado. Vou arrumar sua cama em outro canto. Desse jeito o senhor incomoda meu pai...

Ela ergue do chão suas pernas magras e o ventre redondo, e retira o cobertor do homem adormecido. É um velho morto que jaz ali, deitado de costas. Sua garganta está cortada; o rosto, partido ao meio; e um filete azul de sangue coagulado na barba, como uma lasca de chumbo.

— *Pam* — diz a judia, sacudindo o enxergão —, ele foi morto pelos poloneses. Ele lhes suplicou: “Matem-me no pátio interno, para que minha filha não me veja morrer”. Mas eles fizeram como queriam, e ele morreu neste quarto, pensando em mim... E agora eu queria saber — disse a mulher num rompante, com uma força terrível —, queria saber em que lugar da Terra encontrarei um pai igual ao meu...

O beijo

No começo de agosto o Estado-Maior enviou-nos a Budiátitchi para reformar nosso contingente. Ocupado pelos poloneses no início da guerra, o lugar logo foi retomado por nós. A brigada entrou no povoado de manhãzinha, eu cheguei em pleno dia. Os melhores alojamentos já haviam sido tomados, de modo que tive que me ajeitar na casa do mestre-escola. Num cômodo de teto baixo, em meio a caixotes com limoeiros carregados de frutos, estava sentado um velho paralítico. Ele tinha na cabeça um chapéu tirolês com uma peninha, e sua barba cinzenta chegava ao peito, salpicado de cinzas. Batendo as pálpebras, ele murmurava uma oração qualquer. Banhei-me, fui para o quartel e só voltei com a noite alta. Michka Surovtsev, o ordenança, astuto cossaco de Orenburgo, deu-me um quadro da situação: além do velho paralítico ainda moravam lá a filha, Tomilina Elisavieta Alekséievna, e Micha, o filho dela, de cinco anos, xará de Surovtsev; a filha tinha enviuado de um oficial morto na guerra contra os alemães e sua conduta era irrepreensível, mas a um sujeito decente, segundo a opinião de Surovtsev, ela podia fazer concessões.

— Dá-se um jeito — disse ele e foi à cozinha, de onde veio um ruído de louça. A filha do mestre-escola o ajudava. Enquanto cozinhava, Surovtsev ia contando a ela de minha coragem, de

como eu matara dois oficiais poloneses num combate e de quanto o poder soviético me considerava. A voz de Tomílina respondia-lhe, baixa e reservada.

— Onde você descansa? — perguntou-lhe Surovtsev ao se despedir. — Venha se deitar mais perto de nós, somos homens vivos.

Ele trouxe a omelete para o cômodo numa enorme caçaro-la e colocou-a no centro da mesa.

— Está de acordo — disse-me ele, sentando-se —, só não falou...

Nesse mesmo instante ouvimos um murmúrio abafado, um fãfálhar e um correr pesado, cauteloso. Nem sequer tínhamos conseguido comer nosso prato de guerra quando vimos arrastar-se pela casa velhos de muletas e uma porção de velhas com xales amarrados na cabeça. A cama do pequeno Micha fora transferida para a sala de almoço, no meio dos limões, ao lado da poltrona do avô. Os hóspedes inválidos, mas prontos a defender a honra de Elisavieta Aleksiéievna, amontoavam-se um ao lado outro, como as ovelhas durante um temporal, e depois de armarem uma barricada na porta, passaram a noite inteira jogando baralho em silêncio, mal sussurrando os lances e tremendo a cada ruído. Do outro lado da porta, constrangido e confuso, eu não conseguia pregar o olho e não via a hora de o amanhecer chegar.

— Para seu conhecimento — disse eu a Tomílina quando cruzei com ela no corredor —, para seu conhecimento, devo lhe informar que sou formado em Direito e que pertenço ao chamado “grupo dos intelectuais” ...

Ela ficou petrificada, os braços caídos, dentro de sua roupa fora de moda, como que fundida ao corpo delgado. Seus olhos azuis, arregalados, brilhantes de lágrimas, fitavam os meus sem pestanejar.

Dali a dois dias ficamos amigos. O medo e o desconhecimento em que vivia a família do mestre-escola, família de gente digna e desprotegida, eram ilimitados. Foram convencidos por funcionários poloneses de que a Rússia tinha se desfeito em fumaça e barbárie, tal como Roma acabara, outrora. Quando eu falei de Lênin para eles, de Moscou, onde se arma o futuro, do Teatro de Arte, uma temerosa felicidade infantil tomou conta deles. Às tardes vinham visitar-nos generais bolcheviques de vinte e dois anos, com suas barbas ruivas e malcuidadas. Fumávamos cigarros russos, comíamos o jantar preparado por Elisavieta Aleksiéievna com mantimentos do exército e cantávamos canções de estudantes. Dobrado em sua poltrona, o paralítico ouvia com sofreguidão, e seu chapéu tirolês balançava ao ritmo de nossas canções. Durante todos aqueles dias o velho viveu entregue a uma turva esperança, confusa e súbita, e para que nada anuviasse sua felicidade ele se esforçava por não notar qualquer exagero na simplicidade faceira e sanguinária com a qual nós decidíamos então todos os problemas do mundo.

Depois da vitória sobre os poloneses — essa fora a decisão do conselho de família —, os Tomílin mudariam para Moscou: o velho seria curado por um famoso professor, Elisavieta Aleksiéievna entraria em algum curso da universidade e Micha iria para aquela mesma escola no lago do Patriarca onde a mãe dele havia estudado. O futuro surgia à nossa consciência como felicidade impossível de não se realizar, a guerra, como uma impetuosa preparação para a felicidade, e a própria felicidade, o traço principal de nosso caráter. Apenas os detalhes ainda não tinham sido resolvidos, e para estudá-los passávamos noites em claro, noites poderosas em que o toco da vela refletia-se na turva garrafa de aguardente caseira. Elisavieta Aleksiéievna, radiante, era nossa ouvinte silen-

ciosa. Eu jamais havia encontrado uma criatura mais impetuosa, livre e arisca. Às vezes, à tarde, o ardiloso Surovtsev nos conduzia num caleche velho, de vime, requisitado ainda em Kuban, para a colina onde a residência abandonada dos príncipes Gonsiowski brilhava no fogo do crepúsculo. Magros, mas altos e de raça, os cavalos corriam amigáveis com seus arreios vermelhos; um brinco balançava preguiçoso na orelha de Surovtsev, e as totóres redondas cresciam sobre um fosso coberto por uma toalha amarela de flores. Paredes em ruínas traçavam no céu uma longa curva, inchada de sangue rubi, um arbusto de roseira-brava escondia suas bagas, e um degrau azul, resto da escadaria por onde outrora subiram os reis da Polônia, tremeluzia entre os espinheiros. Uma vez, sentado nesse degrau, aproximei de mim a cabeça de Elisavieta Aleksiéievna e beijei-a. Ela se afastou devagarinho, levantou-se e, apoiando as duas mãos, encostou-se na parede. Ficou imóvel e um raio poeirento de sol brincou em sua cabeça, ofuscando-a, depois estremeceu e pareceu ouvir alguma coisa. Tomilina ergueu a cabeça; seus dedos se desprenderam do muro e, tropeçando e acelerando os passos, ela correu para baixo. Chamei-a, mas não obtive resposta. Lá embaixo, estendido no caleche de vime, dormia o corado Surovtsev. À noite, quando todos dormiam, fui de mansinho ao quarto de Elisavieta Aleksiéievna. Ela estava lendo, com uma mão segurando o livro afastado dos olhos e a outra sobre a mesa, parecia inanimada. Ao ouvir o ruído, ela se voltou e levantou-se.

— Não — disse ela, olhando para mim —, não, meu querido — e abraçando meu rosto com seus longos braços nus, beijou-me em silêncio, com um beijo cada vez mais intenso e desmedido. O som do telefone no quarto ao lado separou-nos um do outro. Era o ajudante do Estado-Maior.

— Vamos partir — disse ele do outro lado da linha. — A ordem é apresentar-se ao comando da brigada...

Precipitei-me sem chapéu, juntando os papéis na correria. Traziam os cavalos das cocheiras no escuro, aos berros, e os cavaleiros corriam à rédea solta. No comando da brigada, enquanto amarrávamos o capote, ficamos sabendo que os poloneses haviam rompido nossas linhas próximo a Liublin, e que devíamos realizar uma operação para cercá-los. Ambos os regimentos partiriam dentro de uma hora. O velho acordara e me observava inquieto através da folhagem dos limoeiros.

— Diga que voltará — repetia ele, sacudindo a cabeça.

Vestindo uma jaqueta de pele por cima da camiseta de batista, Elisavieta Aleksiéievna saiu para nos acompanhar até a rua. Nas trevas, um esquadrão invisível galopava desenfreado. Na extremidade do campo, olhei para trás — inclinando-se, Tomilina ajeitava o casaco do filho, de pé à sua frente, e a luz incerta da lâmpada que queimava no rebordo da janela escorria por sua nuca magra e delicada...

Depois de uma marcha sem descanso, de cem quilômetros, juntamo-nos à 14ª Divisão de Cavalaria e, terminada a pausa, começamos a retirada. Dormíamos nas selas. Nas paradas, mortos de sono, caíamos ao chão e os cavalos, puxando as bridas, nos arrastavam dormindo pelo campo ceifado. Estávamos no começo do outono, e as chuvas da Galícia caíam silenciosas sobre nós. Encostados uns aos outros como um único corpo mudo e desgrehado, nós errávamos e descrevíamos círculos, mergulhando e saindo do bolsão mantido pelos poloneses. Tínhamos perdido a noção do tempo. Quando nos preparamos para passar a noite na igreja de Tochtchenko, nem sequer me ocorreu que estávamos a dez léguas de Budiátitchi. Foi Surovtsev quem lembrou disso, e nos entreolhamos.

– O principal é que, se os cavalos não estivessem esgotados – disse ele, alegre –, poderíamos ir até lá...

– Não dá – respondi. – Dariam por nossa falta à noite...

Mesmo assim, nós fomos. Nas nossas selas estavam pendurados alguns presentes – um pão doce, uma pelica avermelhada e um cabritinho de duas semanas, vivo. O caminho ia por um bosque de árvores gotejantes que balançavam, uma estrela de aço vagueava no alto dos carvalhos. Em menos de uma hora alcançamos o povoado, seu centro incendiado, atulhado de caminhões brancos de farinha, carretas de metralhadoras e lemes de carros quebrados. Sem desmontar, bati na janela conhecida – uma nuvem branca percorreu o quarto. Naquela mesma camisola de batista com a renda gasta, Tomilina correu para o terraço de entrada. Tomou minha mão em sua mão quente e levou-me para dentro de casa. Na sala grande, roupas brancas de homem secavam nos limoeiros destrocados, desconhecidos dormiam em camas de campanha, enfileiradas uma atrás da outra, como num hospital. Mostrando os pés sujos, as bocas enrijecidas num esgar, emitiam sons roucos no sono e respiravam ruidosos, com sofreguidão. A casa fora ocupada por nossa Comissão de Despojos, e os Tomilin, relegados a um único quarto.

– Quando você vai nos tirar daqui? – perguntou Elisavieta Aleksiéievna, apertando meu braço.

O velho acordou e sacudiu a cabeça. O pequeno Micha, apertando o cabritinho ao peito, ria um riso feliz e silencioso. Surovsev, pairando sobre ele com toda sua estatura, tirava dos bolsos de suas calças cossacas esporas, moedas furadas, um apito preso a um cordão amarelo. Nessa casa, ocupada pela Comissão de Despojos, não havia lugar para nós. Saímos, Elisavieta e eu, para a construção de tábuas dos fundos, onde no inverno se guardavam batatas e os gradeados das abelhas. Lá atrás, no depósito, dei-me

conta do caminho perigoso e sem volta que havíamos percorrido desde o beijo no castelo dos príncipes Gonsiorowski...

Pouco antes do amanhecer, Surovsev bateu à porta.

– Quando você nos levará? – perguntou Elisavieta Aleksiéievna, olhando para o lado.

Sem nada dizer, dirigi-me à casa para despedir-me do velho.

– O principal é que não há tempo – disse Surovsev, barrando-me o caminho. – Vamos, monta...

Puxou-me para a rua e trouxe meu cavalo. Tomilina estendeu-me a mão, gelada, de súbito. Como sempre, mantinha alta a cabeça. Os cavalos, que haviam descansado durante a noite, nos levaram trotando. Da negra trama do carvalho surgiu um sol ardente. O júbilo da manhã encheu o meu ser.

Abriu-se uma clareira na mata, soltei o cavalo e, virando a cabeça, gritei para Surovsev:

– Podíamos ter ficado mais um pouco... Você nos chamou muito cedo...

– Não foi cedo – respondeu ele, alisando e apartando com a mão os galhos molhados, cintilantes –, se não fosse pelo velho, eu podia ter chegado até antes... Mas ele começou a falar sem parar, a ficar nervoso, a soltar grasnidos, até que caiu de lado... Eu corri até lá, olhei, pois ele estava morto, morto para valer...

Já estávamos fora do bosque. Entramos num campo arado, sem trilhas. Surovsev endireitou-se, olhou para os lados, assobiou, farejou procurando a direção certa e, aspirando-a com o ar, curvou-se sobre a sela e partiu a galope.

Chegamos a tempo. Os homens do esquadrão estavam se levantando. O tempo prometia ser quente, o sol já aquecia. Nessa manhã, nossa brigada atravessou a antiga fronteira do Reino da Polónia.